3 1761 06559156 2

BRIEF
NB
0003387

Manoel de Sousa Pinto

O monumento

a

Eça de Queiroz

COIMBRA
LIVRARIA ACADEMICA
Moura Marques
EDITOR
1904

MANOEL DE SOUSA PINTO

O MONUMENTO

A

EÇA DE QUEIROZ

COIMBRA
LIVRARIA ACADEMICA
Moura Marques
EDITOR
1904

OBRAS DO AUCTOR:

A Unica Verdade (drama em 2 actos). *Moura Marques, editor.* 1 vol. . . . . 300 réis

EM PREPARAÇÃO:

Cidade da arte (estudos e criticas).

Brief
NB
000 3387

Coimbra — Typ. de M. Reis Gomes

I

Eça de Queiroz, é positivamente um morto infeliz... Pouco resfriado ainda o seu corpo nervoso, passearam-no, em Lisbôa, no mais ridiculo e vergonhoso dos funeraes; annos depois, erguem-lhe um monumento incondigno, numa cerimonia idealmente imbecil.

E esse artista probo, que em vida foi temido como um elemento poderoso e destroçador, que com a sua prosa vigorosa e linda, talhou os rasgões brilhantes das suas paginas perfeitas, na pelle dos seus patricios, nos vicios do seu paiz; esse auctor de penna dextra que sabia alfinetar um conselheiro na sua preciosa colleção de ridiculos, como quem espeta num cartão uma rara borboleta, que teve na vida essa ampla liberdade que se não ousa negar aos que se nota supremamente rijos, por esse mesmo raciocinio que nos faz trepar a uma arvore para deixar mais livre o campo a um ser qualquer que a gente sabe mais forte: foi esse homem mirado á distancia, quando vivo, como um leão, que teve, depois de morto, a mesma sorte d'um grande senhor das selvas. Emquanto nelle a vida agia, todos se encolhiam de medrosos; mal que a penna parou, a legião intimidada, agora livre de sustos, surge a apropriar-se d'elle, como um tropheu, como coisa sua — sempre Tartarin, voltando óvante do perigo inofensivo da caça a um leão já morto, ou a uma pelle empalhada.

Foi o que se deu e o que se vae dando. Eça, emquanto vivo, todos lhe fugiam; morto, todos lhe acódem solicitos, como beatas á cata de reliquias. E essa galeria de grotescos, a que elle deu a suprema gloria de eternamente viverem nos seus livros, como pensamentos bons num *keepsake* estimado, são esses mesmos que mais pressurosos se mostram em agora fingir que o adoram, numa hypocrisia de espavento. É o elemento official, burocratico, publico de que Eça sempre riu, como o mais alto dos desdens. E vêr nos *elencos* d'essas fantochadas os nomes inscriptos, lá estão todos que elle escarneceu: os *Accacios*, os *Gouvarinhos*, os *Salcêdes*, os *Libaninhos*, os *Sousas Nettos*. Só faltam

os preferidos: a distincção d'um *Fradique*, o bom senso de *Zé Fernandes*.

E vem tudo isto a proposito da inauguração do monumento á sua memoria que, em Novembro ultimo, se lhe erigiu no Largo do Quintella, em Lisboa, numa exhibição heterogenea de amisade e pedantismo, de snobismo e respeito. Eu desisto, com pena, de commentar largamente essa manifestação que inaugurou o monumento a um artista eleito pela mão burocratica do sr. Hintze Ribeiro, um cretino ignorante em taes assumptos, quando havia alli, na sua presença, commovida e viuva, a mão delicada da dilecta esposa que só ella tinha o direito de desvendar ao publico, esse bloco branco que, mal ou bem, é um marco da gloria que, vibrante e legitima, irá erguendo sempre a mais altura o nome d'esse homem. E para esse descerrar d'uma bandeira azul-branca que vingava para uma patria pequena a honra d'um artista immenso, para esse convencional abrir d'um panno, nenhuma figura se devia levantar, senão a da viuva d'Eça que com a mão que lhe cerrou as palpebras lhe daria enternecida, num gesto amoroso, adejante e branca, o primeiro raio da luz do olhar geral. O sr. Hintze a fazer aquelle ademan foi tão deslocado e inepto como um moço de esquina a quem mandassem apertar um afogador de brilhantes num collo de duqueza. Foi como um hypopotamo esfrangalhando um espelho Eça que se livrou em vida da Academia real... do silencio, não escapou na morte ao desgosto de preferirem um conselheiro mirrado á esposa e aos filhos. E a mão que referenda a papelada official, foi a mesma que se ergueu, numa ingratidão enluvada, para essa fagueira caricia do seu primeiro dia d'estatua.

E passo agora a apreciar desenvolvidamente o monumento e se a ser curto e resumido mas suspeito, prefiro ser enfadonho e longo, é para que se me não imputem malquerenças ou acintes e propositos de armar ao escandalo, quando me limito a expôr sincera e fundadamente a minha opinião que estou convencido é tambem a de uma minoria que não gostou e se callou. Eu respeito muito como trabalhador o nome honesto do sr. Teixeira Lopes que realisou e assignou a obra, tambem não censuro a iniciativa applaudivel dos seus amigos, *ex-vencidos da vida*, que lh'a mandaram fazer mas não posso deixar de discordar

d'esse caracter official dado á manifestação, assim como tambem não posso dizer todo o bem desejavel do monumento que só ha pouco, tive ensejo de vêr e largo ensejo foi esse que detidamente e frequentemente me permittiu analizar tal obra.

O monumento a Eça é uma obra inferior como concepção, mesquinha no traçado e apenas correcta no relevo que, é claro, applicado a um modelo mau não póde constituir uma obra d'arte. Isto, de uma obra apenas bem trabalhada, é vulgar e se abrilhantaria uma officina de canteiro, não lustra um *atelier* d'artista. E eis o que é a obra do sr. Teixeira Lopes, uma bella peça de cantaria e um pessimo exemplar de esculptura moderna. E escusado será dizer as differenças que d'uma a outra vão: canteirar e esculpir são coisas absolutamente diversas. Ha enormes esculptores que seriam pessimos canteiros.

O que é um monumento? E' a traducção symbolica de uma ideia geral: a objectivisação plastica d'um dado homem, acontecimento ou obra. Ora para representar palpavelmente, para construir materialmente esta ideia geral — EÇA DE QUEIROZ (que envolve a obra e o homem) — não se podia ir buscar outro mais inapto que o sr. Teixeira Lopes, que é o mais falho dos conceptores, o mais negativo dos ideoplasticos, que se tem affirmado unicamente um como que parnasiano na esculptura, sem estro para conceber, apenas habil para executar. O sr. Teixeira Lopes não passa, até hoje, d'um esmerado santeiro ou d'um apreciavel fazedor de jazigos; a sua qualidade primeira e indiscutivel é a mão d'obra, é um plastifice admiravel, um modelador perfeito, um canteiro genial, mas por ahi se fica. E aqui não ha censura, ha apenas a delimitação da sua esphera artistica. A sua maestria sóbe até ao altar, apraz-se nos cemiterios mas nunca, até á data, se elevou ao verdadeiro dominio da esculptura que, depois dos primorosos sarcophagos da Renascença, prohibidos nos templos pelas imposições regulamentares, apoz a immensa fauna decorativa de igrejas e nichos, emancipada e com seu dominio proprio, abandonou, como tudo o que progride, o ambiente mesquinho e bento de cathedraes e sés e passou para os museus mais arejados, para as exposições, para os palacios, galerias, edificios e para a praça publica.

Hoje um santeiro mesmo genial não póde entrar na legião sagrada da grande arte, porque gastando-se

em objectivar *phantasmas*, como diria Stirner, constitue-se em hereje artistico dentro d'essa empedernida renegação á vida, á sciencia, á arte que é toda a religião. E nas capellas mortuarias, nos repoisados cemiterios, não é tambem, hoje em dia, o logar preferido dos sinceros operarios da arte superior.

Eu sei que o sr. Teixeira Lopes tem obras sem esses destinos, mas a *Viuva* é ainda uma estatua de cemiterio e o seu *Caim* não passa d'uma reminiscencia do *Desterrado* de Soares dos Reis. O sr. Teixeira Lopes, sendo portanto um santeiro na essencia, um canteiro correctissimo na fórma, deve encontrar-se mal a gosto, na arte dos monumentos. Por isso confiá-lo ao seu cinzel, dada a certeza de não poder sê-lo á sua imaginação, se foi um favor d'amigo, foi um pessimo serviço a Eça de Queiroz.

O sr. Teixeira Lopes, pondo á disposição d'um escriptor novissimo a sua imaginativa acanhada de catholico, fez exactamente o que era de esperar: uma coisa irrepresentativa e muda, planeada num sensualismo de frade.

II

O motivo, a ideia que o sr. Teixeira Lopes encontrou para este monumento é mais velha e gasta que um logar commum e em esculptura tambem os ha. É possivel que elle ligeiramente se inspirasse na estatua de Maupassant por Verlet, mas o que elle apenas fez foi uma d'estas coisas tão vistas, tão repetidas, tão publicadas que nem auctor primitivo, hoje se lhes pode citar.

Eu estou certo de que ninguem terá deixado de, por mais d'uma vez, ver reproduzida por ahi, em qualquer chromo, calendario ou bilhete postal, a seguinte scena: um busto de fauno, de satyro, de Pan, numa columnata, sorrindo lascivo, e á frente, quasi ao lado, em corpo inteiro, uma nympha togada de branco a tocar a flauta grega d'um ou dois tubos, ou uma vestal casta offerecendo á sensualidade animal, representada pela cara caprina do busto, a sua pureza, já coroando-o ou offerecendo-lhe flôres, já estendendo-lhe os braços. É francamente necessario ter visto muito pouco para não ter deparado com um quadro d'estes em qualquer revista brejeira ou em alguma *pose* plastica, das que a França exporta aos milhares.

Não ha nada mais conhecido, mais divulgado do que essa figuração da *fons vitae* sahida de certo d'esses marmores feitos para os jardins dos seculos XVII e XVIII, dos arcadianos tempos do bucolismo *à outrance*.

O sr. Teixeira Lopes, que, quero crêr, nem sequer deu fé d'essa affinidade, porque á opinião que formo da seriedade do seu trabalho repugna admittir qualquer especie de sugestão d'esta ordem, modificou um nada a attitude da vestal, despiu-a mais, substituiu Pan por Eça de Queiroz, torceu-lhe o busto no movimento de quem espreita por cima d'um biombo uma mulher que abrisse os braços a um querido desejado e eis o monumento a que, para completo insuccesso, poz a divisa com que Eça abre a *Reliquia* e que de modo nenhum synthetisa a obra d'elle: *Sobre a nudez forte da Verdade — o manto diaphano da Phantasia*, que, na realisação do sr. Lopes, é um lençol bem encharcado que se colla ao corpo d'uma mulher bonita que, depois d'um banho, interrompesse a *toilette* para, avistado o amante, satisfazer um desejo. E Eça que é a graça, o espirito, a ironia ficou assim deslocadamente integrado nessa peça decorativa que se não fere o olhar pela nudez, porque o nu não é immoral, offende a consciencia dos admiradores sinceros do mestre, por o verem assim, numa praça transitada, a babar-se de goso sobre uma mulher que se lhe despiu em frente. Aquella attitude só se comprehenderia se houvesse no sr. Teixeira Lopes a arte bastante, para conseguir na figuração da mulher dar a nota symbolica — isto é, obter que aquella mulher, ainda mais nua, em vez de ser uma fêmea que se dá, fôsse ou a Verdade do distico, ou outra qualquer representação d'uma ideia. O sr. Teixeira Lopes ainda está naquella phase da arte em que a Verdade era uma cachopa de estalo, saltando em pellote da borda d'um pôço com um espelho na mão. Na sua imaginação, que afinal parece-me nelle uma faculdade atrophiada não houve uma novidade, uma innovação, uma descobertasinha. Se prescindiu do espelho é porque com a legenda lhe pôz o nome por baixo, porque aquella mulher é menos facilmente a verdade pura que a mentira vistosa.

O sr. Teixeira Lopes se algum dia faz a Fé, ou outra qualquer das tres manas theologaes, ha-de servir-se dos estafados symbolos doutr'ora.

E depois, para mais frisar esta nota de coloquio intimo entre a boneca e o busto, o sr. Teixeira Lopes deu a Eça uma expressão caseira, á vontade; tirou-lhe o monoculo, nem sequer lhe floriu a lapela. O busto de

Eça por Bordallo, não sendo perfeito é mais expressivo e o retrato de Columbano, sereno e maguado, podia orientá-lo. Comtudo as feições de Eça desenham-se nitidas e ha quem garanta uma parecença admiravel.

Assim se podesse dizer outro tanto da semelhança da mulher com a verdade.

E permittam-me aqui um commentario alheio, cuja authenticidade asseguro; é de uma creança e portanto ileso de má-lingua.

Uma petizinha graciosa, ao passar no Largo do Quintella, e ao ver o monumento, interrogou a mãe:

— Oh! mamã, aquella é a estatua da preguiça, não é?

E que ao seu olhito vivo, não passára inadvertido o espreguiçamento languido que agita aquelle corpo branco. A attitude não será bem a da preguiça, mas é sem duvida a da luxuria.

Além d'isso, um monumento, feito para uma praça, não é só destinado a ser visto por muita gente, mais que tudo elle deve ensinar á multidão ignorante que, apressada, se não detem em grandes exames, alguma coisa do que esse homem foi em vida.

Eu bem sei que as alegorias expressivas e de uso commum repugnam muita vez ao artista original, mas nesse caso o que elle tem a fazer é inventar outras. Claro que eu não commungo com as ideias, que uma brilhante *boutade* do *Jornal da Noite*, attribuia ao sr. Hintze Ribeiro, de não admittir um escriptor sem braços e mãos e penna e papel em frente, mas o que é certo é que o monumento do sr. Teixeira Lopes é tão pouco compenetrado da ideia de Eça que pode servir para *tutti quanti*. Ponham lá por exemplo o busto celebre de Antonio Ennes, que está em D. Maria, e ahi temos uma apotheose brilhante, com a figura da gloria offerecendo-se-lhe. E para todo o prestimo o monumento; para musicos e então a Verdade chamar-se-ia harmonia; para pintores e a figura representaria a musa do artista; até para os heroes de Africa pode servir, com aquella figura da patria a enaltecê-los.

Como vêem a Verdade do sr. Teixeira Lopes é tanto a verdade, que pode pôr-se-lhe o nome que se quizer, que ella elasticamente presta-se a tudo.

Ora francamente, é preciso que se seja um pouco falho de imaginação para se não poder tirar mais nada de Eça e da sua obra maravilhosa. Seria preferivel então que o sr. Teixeira Lopes seguisse o já sabido processo de figurar na base uma qualquer das creações da galeria de Eça.

É vulgar: lembro-me agora do monumento a Augier. Por exemplo, o sr. Teixeira Lopes em vez de pensar em realisar aquella Verdade que elle logo havia de ver inexequivel para a sua maneira, punha um burguezissimo *Acacio* (que é a figura mais vulgarisada de Eça) de cartola e tudo, a esbarrar no monumento como um boi num pedestal e se passasse o conselheiro a lêr attentamente o nome de Eça, como o de um desconhecido, teria vinculado profundamente qual é a posição de Eça de Queiroz na sociedade portugueza, um homem de quem os conselheiros não sabem o nome.

Eu não admitto que um monumento feito para um homem que foi unico, possa servir para qualquer. E essa é hoje a grande difficuldade, a individualisação dos monumentos, conseguir fazer alguma coisa de muito expressivo; em Portugal ha muito a tentar porque de litteratos, só Camões se monumentalisou. Ha em França um monumentosinho por Alexandre Charpentier que é delicioso de significação para o povo: é o monumento a Charlet, desenhista e lithographo. É apenas um obelisco encimado por um lindo gallo symbolico e tem na base, de um lado um velho soldado, dos que Charlet desenhava a primor e do outro um typo gaiato de *gavroche* a espreitar.

Aquelle busto que o sr. Teixeira Lopes fez para o seu monumento dá ideia de uma coisa de tirar e pôr, de tal modo é desconchavado o plano da obra, absolutamente desunida.

O sr. Teixeira Lopes querendo e dizendo que fez um monumento a Eça, equivoca-se. Aquellas duas figuras do largo do Quintella, só têm que ver com Eça, por serem dois typos da sua obra. Pela divisa se adivinha qual ella é. *A Reliquia?* Exactamente. sombra daquellas palmeiras orientaes o colloquio dos dois amantes: THEODORICO e MISS MARY, o sobrinho da *tia Patrocinio* e a loira luveirasinha da tranquilla rua das Duas Irmãs, em Alexandria, *com a sua face gordinha, de uma brancura de leite, onde se destiga carmesim, doda leve e succulenta.* E disfarçada pela arte do esculptor, aquella é a scena em que *Mariaguinhas*, despindo a sua camisa perfumada de *violeta e d'amor*, lha entrega como lembrança das noites do hotel das Pyramides e o que falta no monumento é apenas esta inscripção: *Ao meu Theodorico, meu portuguezinho querido, em lembrança de muito que gozámos* e para ficar integro, o esculptor devia ter dado ao busto a *barba negra e pelluda* do *Raposo*.

III

Tem-se pretendido, numa desculpa amavel, explicar aquella figura de mulher, que é ella quasi todo o monumento, como sendo uma imagem das mulheres que Eça creou nas suas obras. Mas isso é absolutamente e benevolamente insustentavel. As mulheres de Eça são tudo o que ha de mais ligeiro e delicado, de elegante e perfumado, dentro do seu recato burguez de semiserias. Faceis no escorregar são comtudo creaturas que a moral aparente disfarça e se todas ellas se dão, muito mais se guardam. Apenas talvez *Amelia* é mais modesta e *Joanninha*, a *tão doce e risonha mãe* do *Jacinthinho* rebrilha, em Tormes, como a unica esposa contente que Eça quiz traçar.

Nas heroinas portanto não se lhe encontra o modelo; talvez que nas vinhetas episodicas nos surja aqui ou além uma qualquer mulher em cuja figura, o sr. Teixeira Lopes fôsse buscar aquelle cunho sensualissimo do monumento? Seria a ruiva *condessa de Treves, magestosa nas suas sedas côr de açafrão, com rendas cruzadas no peito á Maria-Antonietta?* É pouco provavel. A *generala Camilloff* com quem *Theodoro* tecia *horas de sêda e oiro* no *Repouso discreto?* A *D. Anna Lucena* essa *ordinaria* e *formosa* creatura? Ou será então *Carmen Puebla*, ardente e peninsular, para cujo *salero* o sr. Ramalho Ortigão devia ter dado as suas castanholas?

Mas mesmo nessas figuras mais voluptuosas e mais viciosas de Eça nenhuma se encontra que explique, justifique ou desculpe aquella mulher do monumento a que por suprema irrisão se chamou a Verdade. Em nenhuma das paginas encantadas de Eça nos surge assim uma mulher sadia, forte, normal, num grande ideal de belleza e fecundidade. A visão femenina de Eça de Queiroz era muito outra; se elle até modificava a velha formula do «eterno femenino» por esta outra: *o ephemero femenino.* (Assim dizia *Fradique.*)

A não ser que tendo o sr. Teixeira Lopes apenas relido a *Reliquia*, porque ao tempo de começar a elaborar a obra, o sr. Teixeira Lopes andava esquecido de Eça [segundo o affirma o sr. Antonio Arroyo num artigo recente: *Ha tres para quatro annos Teixeira Lopes disse-me em Paris que ia fazer o monumento d'Eça de Queiroz, mas que não assentára ainda na forma que lhe daria; que*

não tinha ideias precisas a tal respeito, e que, apenas chegasse a Portugal, começaria a Eça [illegible] a obra do romancista. (*O Seculo* de 18 de janeiro)], pode ser que o sr. Teixeira Lopes tendo-se fixado pela *Religião*, que é sem duvida a obra de Eça mais propria para prender um *plastico*, lhe fosse sugerida a ideia da estatua por este bello *fresco* que Eça pintou no portico d'uma therma romana: *E sob uma das columnas vestibulares, onde uma lapide d'onyx indicava a entrada das mulheres, [illegible] immovel, offertando-se aos votos como um idolo, uma creatura maravilhosa: sobre a sua face redonda, d'uma brancura de lua cheia, com labios grossos, rubros de sangue, erguia-se a mitra amarella das prostitutas de Babylonia; dos hombros fortes, por cima da tumida rijeza dos seios direitos, cahia em pregas duras de brocado uma dalmatica negra radiantemente recamada de ramagens côr de ouro.*

Esta passagem primorosa pode realmente explicar a figura que o sr. Teixeira Lopes creou do marmore sem os atavios do traje e da côr com que Eça a tocou. Mas se foi essa a inspiradora do sr. Teixeira Lopes para que lhe tirou a mitra, symbolo da profissão, e para que lhe chamou «Verdade», que mesmo em Babylonia não era nome de baptismo?

Eu só assim, servindo-me d'esses periodos superiores, chegaria a explicar a supposta filiação da creatura do sr. Teixeira Lopes, nas figuras femeninas de Eça de Queiroz.

Alem disso com que fundamento é que o sr. Teixeira Lopes, escolhendo o lema com que Eça abriu um livro e que a poucos mais se applica, pretendeu resumir nelle a obra toda e toda a individualidade do escriptor?

Este criterio lembra-me o d'aquelles que no tumulo de Oliveira Martins, em que avulta outra creação infeliz do sr. Teixeira Lopes, ousaram trahir a memoria do primoroso prosador da historia, com o rebaixante distico: *morto com todos os sacramentos da Igreja*, como se de tudo o que de bom Oliveira Martins nos deixou, fôssem apenas citaveis os sacramentos que um sacerdote lhe forneceu, nessas horas dubias em que a personalidade moribunda, ás vezes, tudo consente.

O sr. Teixeira Lopes tem com certeza de Eça pouca leitura e admittindo mesmo que, desde que [illegible] *para quatro annos* disse ao sr. Arroyo *que não tinha ideias precisas a tal respeito*, não deixasse d'um só dia sorver numa pressa a obra do romancista, para a com-

prehender num esforço, o que não é natural porque outras occupações o absorviam, não é em dois annos, descontando o tempo ido desde que a *maquette* foi divulgada, não é em dois curtos annos que se consegue formar um juizo seguro d'uma obra vasta e diversa e muito menos se pode tirar d'ahi uma perfeita ideia que se converta num monumento acabado e bom.

Entendia-se que para um philosopho que a buscase, para um poeta que a cantasse, mesmo para um romancista que a tomasse como uma grande ideia geradora ou symbolo sagrado, como Zola, a Verdade fôsse assim representada na perfeição d'um todo, na nudez completa do seu absoluto. Mas para Eça a verdade era outra coisa; synonimava realidade e Eça, que nunca curou da verdade absoluta, só constituiu a verdade relativa, concreta, realisada; as verdades de Eça são muitas, são todos os seus typos flagrantes e para representar a verdade que elle possuia e queria, não se podem senão empregar as parcellas com que elle a compoz — as suas personagens.

A verdade de Eça de Queiroz não é essa entidade abstracta e individualmente figuravel que se atribue, por exemplo, a um sabio profundo ou a uma seita philosophica; é a verdade fragmentada, pittoresca, disseminada, é a realidade e a exactidão. Não é a ideia una e geral que os antigos e o sr. Lopes figuram numa mulher, é a verdade de momento, do detalhe, é a nota caricatural ao vivo. A verdade para Eça significa a observação; a phrase inicial d'*A Reliquia,* bem comprehendida, dá isto: *sobre a nudez forte da Verdade* com que observo *o manto diaphano da Phantasia* com que imagino.

A verdade para Eça não pode ser portanto uma individualidade sonhada, é o *Accacio,* é a *Juliana,* é o *Pinho,* é o *Pacheco.* A verdade é a argila humida e maleavel com que elle trabalha e de que elle faz as figuras, retocadas e combinadas depois pela ordem admiravel da sua imaginação prodigiosa. E era o que quando muito o sr. Teixeira Lopes poderia fazer, um bloco tosco e amplo que representasse, mais que a verdade, a realidade, a natureza que resumida pela imaginação era para *Fradique* a arte, e d'essa materia-prima das creações de Eça elle, o esculptor, tiraria num esboço ligeiro, algumas das principaes e cobrisse-as depois, já que o distico o atrahia, com o *manto diaphano da Phantasia,* porque francamente isto de traduzi-lo por um manto de panno cru, que a figura atira para os pés, é um pouco attentatorio do significado da

preposição *sobre*, quando já o não seja ao da palavra *diaphano*.

Para aggravar ainda o monumento, escolheram um local que é tudo o que ha de mais impropria. Esta, não sei por que exquisita e malfadada inspiração, foi parar ao Largo do Quintella e voltado para a casa do sr. Carvalho Milhões, um dos mais poderosos senhorios de Lisbôa, que no seu papel de conselheiro não cessa de berrar que lhe tirem de lá defronte o *boneco*. Ao menos voltassem-no para a *Arcada de Lindes* onde Eça teria sobre si olhares macios de mulheres embalsadas pelo despido d'aquella Verdade e onde a gente se podia vêr, com descanço, sem o perigo que agora ha d'um *electrico* nos arrebatar no meio da contemplação.

A camara tambem nem sequer teve a gentileza de mudar o nome á praça; eu creio que o barão do Quintella foi o depois conde de Farrobo, proprietario do palacete azul que fica fronteiro ao monumento e é naturalmente por isso que deu o nome ao largo, mas o que sei é que tendo este o seu nome só elle lá poderia ser erguido em estatua. Os nomes dos homens, por habito portuguez, tornam as suas ruas cousas d'elles e toda a gente desprevenida e ignorante, ao passar pelo Largo do Quintella, pensará, demais a mais com a já notada inexpressão do monumento, que aquelle homem que se encavala sobre uma mulher despida é o authentico Barão do Quintella.

Que diabo! dessem ao barão a rua do Alecrim ou baptisassem esta com o nome de Eça e andava-se-lhia assim a seguir pela litteratura fóra: Rua Eça de Queiroz, Praça de Camões, Rua Garrett até cahir noutro largo d'outro Camões.

IV

Este monumento sendo nulo de composição e desastrado na realisação do pseudo-motivo que o originou, é ainda bastantemente pretencioso.

O sr. Teixeira Lopes ousou á seu proposito invocar Rodin.

Perguntando-lhe um jornalista se olhe segundo o mesmo trilho de Rodin, respondeu o sr. Teixeira Lopes: *Não é positivamente a mesma genera de escopo ainda que se assemelhe um pouco.*

Eu não sei se em linguagem d'esculptor existe isso a que nós, que nada sabemos da arte, chamamos vaidade, jactancia ou basofia; não sei tambem se o sr. Teixeira Lopes considera tão pouco Rodin que se julgue seu egual ou se se crê a si proprio tão enorme esculptor que não hesite em se declarar semelhante ao mestre. Mas o que é uso cá na vida de todos os dias é achar mal que um poeta, por exemplo, que perpetrasse um decasyllabo attentado viesse dizer-nos que se assemelhava um pouco a Camões.

As palavras modestas do esculptor, que acima transcrevo, vieram estampadas, em bom typo legivel, no *Dia* de 5 de Outubro de 1903, á mistura com outras declarações do sr. Teixeira Lopes em que elle procurava doirar a pillula ou, quer dizer, justificar o monumento.

Portanto vê-se que o sr. Teixeira Lopes quiz ser Rodin e até certo ponto está convencido que o foi. Deixemos-lhe a illusão e vamos adiante.

A unica coisa que me parece o sr. Lopes apanhou de Rodin foi uma bella lição, quando o glorioso auctor do *Victor Hugo* lhe revelou — e é quasi incrivel que o sr. Teixeira Lopes o ignorasse, sendo do paiz de Columbano, o menos *posé* dos artistas — que se póde fazer fielmente um busto sem se ter o modelo á vista.

E' sabido o magistral processo do genial Rodin em certas obras suas, escandalosas e discutidas, de deixar aparentemente inacabados os seus trabalhos. Ora Rodin é um mestre, com o seu genio dividido inundava-se este paiz de esculptores a valer e o seu processo é admiravel, d'uma technica inedita, nova, cheia de força, de movimento, d'arte. Elle conseguiu dar em coisas bellas, á primeira vista incompletas, o mais bello demonstrativo da simplicidade em arte: para se chegar alli é preciso, pelo menos, ter coragem para britar com monumentos a Eça. Elle fez na sua especialidade o que se realiza hoje na caricatura, nos borrões e, em parte, nas manchas dos symbolistas: reduzir a obra representativa aos seus elementos mais simples, ao quasi irreductivel. Como muito bem disse Camille Mauclair, *Rodin comprehendeu perfeitamente que a esculptura é a arte de produzir imagens mythicas muito concentradas*. Com Rodin abre-se, num clarão, todo um grande e diverso horisonte á esculptura, por essas suas preciosas obras que sendo milagres de construcção plastica são portentosos trabalhos de eliminação do superfluo, de evidenciação do essencial.

A influencia de Rodin, escreve o mesmo critico, *é vasta e todo o mundo sente hoje que a mão que modelou o* S. JOÃO BAPTISTA (mas não como santeiro) *e ergueu as* PORTAS DO INFERNO *é a unica bastante potente na Europa e no seculo para agarrar a esculptura toda e arranca-la á rotina em que ameaçava sossobrar.*

Até aqui o grande Rodin de Paris, agora vamos seguindo com o Rodin de Gaya.

O sr. Teixeira Lopes, querendo dar o aspecto inacabado ao monumento a Eça, foi simplesmente inesthetico. Primeiro ageitou o reverso do monumento e cavou em curva a parte superior, o que Rodin nunca faria, de maneira que o monumento, visto de costas, dá ideia d'um escorço para um urso e a cabeça d'Eça sahe d'uma concha enrugada. Depois a simplificação do sr. Lopes é tão consciente que elle lá esculpiu cuidadosamente, na base do monumento, as suas queridas rosinhas, que se não sabe se querem indicar flôres esquecidas e já estratificadas da manifestação ou se cahiram dos cabellos desatados da mulher que elle tambem teve o cuidado de desgrenhar numa abundante cabelleira, que lhe rola pelas costas. Aquellas rosas tão meigas, devem ter sobrado das da *Rainha Santa* e falta-lhes só a encarnação delicada de Albino Barbosa.

Eu ponho de parte, para não fazer d'este folheto um calhamaço, a questão muito discutida de se os monumentos, sendo obras em torno das quaes se anda devem ou não ser completas em todas as suas faces. A do sr. Teixeira Lopes tem só frente, e a esta me limito. O monumento assenta num bloco, d'altura d'um degrau, onde está escripta a legenda, em letra de punho, que não sei se é autographa de Eça que a assigna. Sobre esta pedra, ha outra mais pequena que tem as datas *1845-1900* e sobre esta está a D. Verdade. Estas tres partes soldam-se mal uma á outra de maneira que as soturas são por demais apparentes e no seu pretendido estado bruto e indebastado, raspadas aqui, picadas alem, lembram essas cascatas arranjadas com cuidadoso ar de naturaes. A mulher, a que o sr. Ramalho Ortigão chamou Lisbôa, é a parte mais importante do monumento. E' incontestavelmente uma bella fêmea de pedra e o seu corpo rijo e bem moldado ergue-se natural e provocante. A pedra é tocada de caricia e de relêvo, as ancas largas curvam-se bem, o ventre palpita, o thorax dilata-se e os seios enristam-se para esse abraço que os braços compridos, um pouco

redondos de mais, estão sempre offerecendo numa ancia enorme que as mãos acompanham, um tudo academicas e classicas, num affastar de dedos que parece que querem retorcer com furia as pontas descahidas do bigode do busto. O peito é bem conformado, os sovacos cavam-se fundos e ha talvez uma demasiada symetria e um excesso de peso nos seios da nympha que deveriam corresponder á desegual posição dos braços.

O pescoço tambem é bom e o queixo; das feições da mulher pouco se póde dizer porque só vistas d'alto se aperceberiam bem. A cabeça é demasiadamente empastada nos cabellos que se abrem em risca e depois se desprendem numa dispersão victoriosa, pelo dorso da mulher em linhas nem sempre formosas. Dos joelhos para baixo a mulher é rachytica e os pés somem-se de tal maneira no manto, que parece o fundo d'um cartaz de Mucha. Demais ha uma prega do manto que torce no joelho precisamente, de modo que confunde as linhas das pernas já de si pouco acentuadas pelo espesso do manto, que, preso aos braços da mulher, cahe numa grande abundancia de fazenda, desde o umbigo, ainda a descoberto, até á base, velando o supposto blóco onde assenta Eça. O manto, já o notei por vezes, é espesso demais e pesado demais, cahe como um trapo molhado, sulca-se como um tecido grosso, não fluctua como um veu diaphano. O busto, tambem já o disse, é correcto; é quasi apenas a cabeça, collarinho e gravata. O casaco tem só as bandas polidas, de maneira que no hombro e no resto do panno que se vê só picado, parece que mordem assustadoramente milhares de traças.

Eis tudo. E se eu, agora ao terminar, quizesse citar o superficial Nordau, quando diz que ante qualquer monumento se deve perguntar o que elle veiu ensinar, teria de responder, com desgosto, que este veiu ensinar que não ha em Portugal um esculptor moderno e que Eça de Queiroz é muito grande, para não ficar de todo desacreditado com aquella boneca a que chamaram hyperbolicamente, num dia de Novembro, o seu MONUMENTO.

100 RÉIS

MCM

PLEASE DO NOT REMOVE
CARDS OR SLIPS FROM THIS POCKET

UNIVERSITY OF TORONTO LIBRARY

BRIEF
NB
0003387

01820623

UTL AT DOWNSVIEW
D RANGE BAY SHLF POS ITEM C
39 11 13 10 10 027 6